

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA
COMO INSTRUMENTO DE AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA
POR MEIO DA OBRA INFANTIL “MINHA MÃE É NEGRA SIM”**

Maria Diva dos Santos (IFRO)

mdivasantos@hotmail.com

Warley José Campos Rocha (IFRO)

warley.rocha@ifro.edu.br

RESUMO

A literatura é fundamental para o desenvolvimento sócio-histórico e cultural do sujeito humano, por meio dela, é possível observar a linguagem, a cultura e a sociedade de um povo. Em vista disso, neste estudo, objetiva-se analisar a obra infantojuvenil “Minha mãe é negra sim”, de Patrícia Santana, a fim de viabilizar uma proposta pedagógica em que possibilite haver um (re) conhecimento identitário do público infantojuvenil, em especial do negro, no ambiente escolar. Para tanto, empregou-se, neste trabalho, a pesquisa bibliográfica e documental para fins metodológicos. Durante o estudo, o qual contou com três leituras investigativas dessa obra de Santana, foi possível observar quatro categorias que contribuem para o desenvolvimento de uma proposta pedagógica, são elas: (i) a manifestação do preconceito na instituição escolar; (ii) a maneira como a família (re)age frente ao preconceito vivido fora de casa; (iii) os efeitos em uma criança que sofre preconceito; e (iv) os símbolos que representam a cultura afro-brasileira. Diante de tais aspectos, elaborou-se uma proposta pedagógica para aplicação dentro de sala de aula pelo docente de língua portuguesa, como forma de promoção do conhecimento individual dos alunos e valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Palavras-chave:

Educação. Identidade. Literatura.

ABSTRACT

Literature is fundamental for the socio-historical and cultural development of the human subject, because, through it, it is possible to observe the society of a people. In view of this, in this study, it is aimed to study the children’s literary work “Minha mãe é negra sim”, by Patrícia Santana, in order to, from it, enable a pedagogical proposal in which there are the knowledge and the recognition of the identity of children and young people, especially black ones, in the school environment. Therefore, bibliographic and documental research was adopted for methodological purposes. During the study, which had its execution through three readings of the literary work, it was possible to observe four categories that contribute to the development of a pedagogical proposal. They are: (i) the manifestation of prejudice in the school institution; (ii) the way the family (re)acts in the face of prejudice lived outside the home; (iii) the effects on a child who suffers prejudice; and (iv) the symbols that represent Afro-Brazilian culture. In view of these aspects, a pedagogical proposal was elaborated for application within the classroom by the Portuguese language teacher, as a way of promoting the individual knowledge of students and valuing African and Afro-Brazilian culture.

Keywords:
Education. Identity. Literature.

1. Introdução

A literatura infantil inicia-se a partir do século XVII, quando o francês Charles Perrault coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, constituindo os chamados contos de fadas (CADEMARTORE, 1986). Posteriormente, no século XIX, os irmãos Jacob Grimm e Wilhelm Grimm trazem publicações e adaptações de contos populares que se tornaram bastante conhecidos, dentre os quais se destacam a “Bela Adormecida” (1812), “Rapunzel” (1815) e “João e Maria” (1812). Entretanto, a apresentação da literatura infantil chega ao público de forma parcial e não totalitária. Assim, por vários séculos, a literatura infantil vem se moldando, estruturando-se e reestruturando-se para alcançar crianças e adolescentes e contribuir para o seu processo de formação, seja na instituição escolar, na família ou na sociedade.

Dessa forma, percebe-se que a literatura infantil possui relevância para o desenvolvimento do público infantojuvenil. Em vista disso, no presente trabalho, assume-se o objetivo de analisar o livro “Minha mãe é negra sim”, de Patrícia Santana (2008), propondo uma possibilidade de intervenção pedagógica a partir da referida obra que viabilize o fortalecimento da autonomia de crianças negras na busca do (re)conhecimento de sua construção identitária, possibilitando-as, também, reconhecer a importância da história do povo negro.

Salienta-se que a relevância do trabalho se dá através da contribuição do livro de literatura infantil afro-brasileira em sala de aula, não apenas como instrumento de reflexão e representação cultural, mas, também, como instrumento legitimador dentro da família, da escola e da sociedade em geral. Para alcançar o objetivo proposto, empregou-se como método de estudo pesquisa bibliográfica do tipo qualitativa, uma vez que ela objetiva estabelecer uma relação entre sujeito e as percepções de mundo.

Diante disso, a fundamentação teórica utilizada como base norteadora do referido estudo foi: Brasil (2017); Lígia Cademartori (1986); Sueli Cagneti e Cleber Silva (2013); e Maria Frantz (2001). Essas referências foram selecionadas por sustentarem discussões acerca da inserção dos livros infantis com temática afro-brasileira e por contribuírem de forma positiva e não discriminatória para que as crianças e os adolescentes negros sejam inseridos no ambiente escolar.

Por conseguinte, o estudo ora apresentado contempla e pode promover a interação entre aluno, professor, escola e a literatura afro-brasileira. Afinal, crianças e adolescentes negros e não negros, uma vez provocados por meio de atividades que os levem a reconhecer e ser reconhecidos como parte de uma diversidade, observar-se-ão como sujeitos constituídos e representados através da literatura infantil.

Para fins de organização do texto, o presente artigo está estruturado, além desta, em outras cinco seções, a saber: Fundamentação Teórica; Procedimentos Metodológicos; Análise da Obra “Minha mãe é negra sim”; Proposta de Intervenção Pedagógica; e Considerações Finais, seguidas das referências.

2. Fundamentação teórica

Para melhor explicar o campo de pesquisa, serão expostas possibilidades de contribuições teóricas, a fim de propor discussões diante da temática. Para tanto, apresentam-se, nesta seção, um estudo acerca da Literatura Infantil Afro-Brasileira, a obra infanto-juvenil “Minha mãe é negra sim” e a contribuição que a Base Nacional Comum Curricular infere nas propostas didáticas que tematizam sobre a Literatura Africana e Afro-brasileira nos currículos escolares.

2.1. A literatura infantil afro-brasileira

A literatura infantil afro-brasileira surgiu na década de 1980 como um movimento de reação à exclusão manifestada no processo histórico, econômico, político e social do povo negro. Por volta do século XXI, a literatura afro-brasileira começa a se manifestar na busca de ascensão, adentrando um novo cenário de construção identitária.

Um dos fatores que contribuíram para o desenvolvimento literário afro-brasileiro foi a promulgação da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que instituiu o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nos currículos escolares. Nesse mesmo percurso, a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, reiterou a obrigatoriedade do ensino desses conteúdos nas redes de ensino do país. Com essa valorização cultural, foi possível notar o aumento das publicações de textos com temática africana e afro-brasileira no Brasil, bem como fez com que a literatura negra começasse a ser apresentada e contada por escritores negros que antes eram

representados e percebidos na literatura pelo ponto de vista do outro.

É relevante mencionar que não houve apenas tal evolução no que tange ao campo literário. Afinal, em “todas as manifestações e fazeres culturais e sociais da humanidade, de certa forma, vêm sendo ressignificados, customizados, desconstruídos, reavaliados e/ou rerepresentados com novas roupagens” (CAGNETI, 2013, p. 13). No que se refere à produção de textos por escritores negros, esses literatos passam a reivindicar seus espaços e a contar sua própria história, como declarou Ironides Rodrigues em depoimento a Luiza Lobo:

A literatura negra é aquela desenvolvida pelo autor negro ou mulato que escreva [*sic*] sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, da forma assumida, discutindo os problemas que lhe concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem de se assumir como negro (LOBO, 2007, p. 266 *apud* DUARTE, 2014, p. 21)

Com base no que a referida autora preconiza, é possível constatar que, atualmente, há um vasto e rico conjunto de possibilidades de assuntos a serem discutidos por meio da literatura negra. Isso pode viabilizar uma expansão do acervo literário afro-brasileiro, o qual será composto por uma série de obras que contemplem personagens negros que se evidenciam como parte da história. Além de tudo isso, é possível romper com as representações que inferiorizam os negros e sua cultura.

Segundo Elly Bayó *et al.* (2020, p. 27), a “leitura e o conhecimento destas produções ajudam a compreender a problemática do racismo em maior amplitude, pois permitem pensá-la a partir de desigualdades estruturantes”. Essas obras retratariam, assim, a formação e a construção da identidade pessoal e social, resgatando e valorizando as tradições como personagem de sua própria história. Postas, então, tais questões, a seguir, será apresentada uma obra que representa, por seu turno, essa literatura.

2.2. “Minha mãe é negra sim”

“Minha mãe é negra sim” é um livro infantojuvenil escrito pela autora Patrícia Santana, que é uma escritora afro-brasileira, professora, mestra e doutora em educação. Trata-se, por sua vez, de uma pequena obra com 32 páginas, tendo sua primeira publicação em 2008, pela editora Mazza Edições. O livro é voltado ao leitor iniciante, com faixa etária entre 5 a 8 anos de idade, e, nele, é apresentada ao leitor infantil e infanto-juvenil a figura do negro em situações cotidianas, que são manifestadas em vários contextos, seja na escola, na família ou no meio social. Além desse livro,

Santana publicou outros dois, sendo: “Entretanto sem babado” (2007) e “Cheirinho de Neném” (2011), nos quais questões étnico-raciais também são colocadas em uma linguagem clara, voltada aos pequenos e jovens leitores.

Já o texto literário infantojuvenil “Minha mãe é negra sim” permite, por sua vez, identificar como se dá o processo de construção identitária de crianças e adolescentes negros por meio da literatura infantil afro-brasileira. A partir dessa perspectiva, “a identidade é concebida como um processo dinâmico que possibilita a construção gradativa da personalidade no decorrer da existência do indivíduo” (CAVALLEIRO, 2010, p. 21), tornando-se possível enxergar na literatura uma proposta em que o negro pode se sentir representado.

À vista disso, Eliane Cavalleiro (2010) acentua que

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativa e preconceituosa, historicamente constituída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre o negro. (CAVALLEIRO, 2010, p. 22)

Consoante a isso, a figura do negro continua sendo percebida como ser inferior, subalterno e marginalizado. Tal pensamento preconceituoso e estereotipado está arraigado na estrutura da sociedade, haja vista que o negro é enxergado de forma negativa em relação ao branco em virtude de sua fisionomia, tendo como exemplo a cor da pele, a textura do cabelo, o formato do rosto, do nariz e dos lábios. Por conta disso, as crianças negras costumam apresentar muito cedo uma identidade negativa em relação étnica ao grupo que pertencem. Não sabendo lidar com atitudes preconceituosas que lhes são atribuídas, elas passam a conviver silenciosamente com a dor do preconceito ora velado ora escancarado.

É significativo mencionar que essas manifestações de preconceito ao sujeito negro, aqui em destaque as crianças negras, internam também no ambiente escolar. Nesse sentido, Cavalleiro (2012, p. 39), em uma pesquisa realizada com professores e funcionários brancos e negros de uma instituição escolar, menciona que “o silêncio dos professores perante as situações de discriminação impostas pelos próprios livros escolares acaba por vitimar os estudantes negros”.

Por isso, é importante que professores rompam esse silêncio inserido em suas práticas pedagógicas, empregando os livros infantis de literatura afro-brasileira em sala de aula. Logo, começando a oportunizar e

prestigiar a temática das diversas etnias inseridas e discutidas em sala de aula. Ao introduzir tal conteúdo na sala de aula, o professor concede ao educando maior riqueza cultural e literária, bem como adequa-se à legislação vigente no país. Em face do exposto, discorre-se, na seção a seguir, uma abordagem do que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) preconiza sobre a temática do ensino da literatura africana e afro-brasileira nas instituições de ensino.

2.3. BNCC e a literatura afro-brasileira

Homologada no ano de 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi elaborada com o propósito normativo de definir “o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2017, p. 7). Em razão disso, ela pretende diminuir as desigualdades didáticas existentes no processo de ensino-aprendizagem das instituições de ensino.

Em seu processo de concepção, a BNCC teve como referência a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), especialmente, quando são postos os princípios dos direitos e das garantias fundamentais dos sujeitos humanos (Art. 5º) e a declaração da educação como um desses direitos essenciais (Art. 205). A BNCC ainda contou como marco legal a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, em especial, o seu art. 3º, o qual apresenta como o ensino deverá ser ministrado nas instituições de ensino, sendo tais princípios descritos a seguir.

- Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
 - II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
 - III - pluralismo de idéias [sic] e de concepções pedagógicas;
 - IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
 - V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
 - VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
 - VII - valorização do profissional da educação escolar;
 - VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
 - IX - garantia de padrão de qualidade;
 - X - valorização da experiência extra-escolar [sic];
 - XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
 - XII - consideração com a diversidade étnico-racial.
 - XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida.

XIV – respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva (BRASIL, 1996, documento on-line, n.p.).

Conforme observado, a construção da BNCC teve como principal norte a valorização da diversidade e a equidade de direitos, uma vez que ela se propõe a ter um ensino laico e igualitário a todos, da mesma maneira que ela aborda “temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global” (BRASIL, 2017, p. 19). Assim, espera-se que o processo de ensino sirva para o amadurecimento “de atitudes, procedimentos e elaborações conceituais que potencializam o reconhecimento e a construção das identidades e participação em diferentes grupos sociais” (BRASIL, 2017, p. 369) pelos educandos.

Como meio de auxiliar no processo identitário e na valorização da diversidade étnico-racial brasileira no ambiente escolar, implantaram-se as leis de nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que estabeleceram a obrigatoriedade do ensino da cultura e literatura africana, afro-brasileira e indígena nos currículos escolares. Como resultado, a BNCC apresenta nos eixos das Ciências Humanas e de Língua Portuguesa a promoção dessas temáticas. Conforme a BNCC,

A inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil. A relevância da história desses grupos humanos reside na possibilidade de os estudantes compreenderem o papel das alteridades presentes na sociedade brasileira, comprometerem-se com elas e, ainda, perceberem que existem outros referenciais de produção, circulação e transmissão de conhecimentos, que podem se entrecruzar com aqueles considerados consagrados nos espaços formais de produção de saber. (BRASIL, 2017, p. 401)

No que corresponde ao campo literário, o ensino da cultura africana e afro-brasileira enriquece os educandos em seu conhecimento de mundo e do grupo social ao qual pertence, uma vez que a literatura “cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir (...) ajudamos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando” (BRASIL, 2017, p. 499).

Assim sendo, trabalhar a literatura com temática africana e afro-brasileira em todas as etapas do processo de ensino e aprendizagem são fundamentais, tanto na educação básica quanto na superior. Como forma de exemplificar como principiar um estudo e abordagem dessa temática na literatura infantil, apresentam-se na seção a seguir as guias de realizar

uma leitura investigativa de uma obra literária, buscando identificar traços africanos ou afro-brasileiros.

3. Procedimentos metodológicos

Na leitura da obra “Minha mãe é negra sim”, foi possível observar quatro categorias a serem trabalhadas no decorrer do artigo, a saber: (i) a manifestação do preconceito na instituição escolar; (ii) a maneira como a família (re)age frente ao preconceito vivido fora de casa; (iii) os efeitos em uma criança que sofre preconceito; e (iv) os símbolos que representam a cultura afro-brasileira.

Para que se alcançassem essas categorias, ocorreram três leituras com diferentes focos investigativos na obra em estudo. Na primeira delas, foi feita uma leitura completa do texto a fim de conhecê-lo e notar possíveis manifestações de preconceito para com personagens negras existentes na obra em questão.

Já na segunda leitura, observou-se a importância de trabalhar a literatura infantil afro-brasileira dentro de sala de aula, de modo a capacitar os professores quanto às mudanças em suas práticas pedagógicas. Tais considerações se deram devido à identificação do despreparo, da imposição e do silêncio da professora em combater e prevenir a manifestação do preconceito na instituição escolar/sala de aula.

Por fim, a terceira leitura permitiu notar como o preconceito é discutido na estrutura familiar, isto é, como os pais dialogam com os seus filhos sobre o racismo, a discriminação e o preconceito que eles, sujeitos negros, sofrem em ambientes que transcendem aos muros de seus lares. Ainda na terceira leitura, verificam-se expressões linguísticas da cultura africana e afro-brasileira.

Isso posto, na seção a seguir, encontra-se uma análise da obra infanto-juvenil “Minha mãe é negra sim”, em que se esmiúça as quatro categorias referenciadas no início desta seção.

4. Análise da obra “Minha mãe é negra sim”

O livro infantojuvenil “Minha mãe é negra sim” narra a história de Eno, protagonista da obra, que é um menino negro, de sorriso largo, aparentemente com idade entre sete e oito anos e mostrando-se ser uma

criança feliz. A narrativa inicia-se a partir do descontentamento da personagem principal frente ao preconceito revelado pelo julgamento da professora em uma atividade na aula de artes. Na ocasião, ela sugere que o menino pinte o desenho de sua mãe de amarelo, pois ficaria mais bonito. É possível observar, entretanto, no texto que “Eno ficou numa tristeza que doía, e ele sem saber falar por que. Não havia entendido direito o porquê de a professora fazer aquela sugestão, quase uma exigência, pelo tom e pela dureza de sua fala” (SANTANA, 2008, p.06).

Por esse evento, percebe-se a primeira categoria identificada na seção anterior, isto é, nota-se a manifestação do preconceito revelado dentro da instituição escolar. Isso é revelado quando o menino não consegue entender o motivo que levou a professora a sugerir que, pintando o desenho de sua mãe de uma cor diferente da cor preta, ficaria mais bonito. Diante do ocorrido, em silêncio, recolhe-se entristecido e não faz mais nenhuma atividade naquele dia. De acordo com Cavalleiro (2012, p. 73), “essa maneira de silenciar e valorizar o silêncio diante dos evidentes conflitos étnicos acaba escondendo comportamentos”. Sendo possível identificar, na fala da professora, que a cor preta não se encaixa na representação do belo em sua concepção, reforçando ainda mais o padrão imposto pela sociedade.

Eno sente que tanto ele quanto sua família não representam um modelo de beleza, começando, a partir daí, a vivenciar uma conflitante insegurança. Quando volta para casa, não expressava alegria, não abraçou o pai como de costume, correu para um lugar, uma espécie de esconderijo para refletir e se isolar por algum tempo, “correu para o seu cantinho lá no terreiro. Cantinho feito com um monte de caixas de banana que ele pegava no sacolão da sua rua. Era um esconderijo de menino” (SANTANA, 2008, p. 12). Diante de incertezas, Eno vai criando sua percepção de mundo, perdendo a vontade de comer e ir à escola, além de viver amuado pelos cantos e começar a dar várias desculpas para não sair de casa.

Passaram-se vários dias e os pais de Eno não descobriam o motivo da tristeza do menino, “os dias foram passando, e cada dia pai e mãe estranhavam mais a tristeza do menino. Ele nem queria ir à aula. Um dia inventou até dor de cabeça” (SANTANA, 2008, p.15). Ainda triste e pensativo com o ocorrido “Já ficava chateado com os apelidos que alguns meninos lhe davam tudo coisa ou bicho. Mas a professora dizer a ele que pintasse a mãe de amarelo? Era demais”! (SANTANA, 2008, p. 17).

Nessa parte da narrativa, é possível identificar a falta de diálogo

entre Eno e seus pais, na qual se nota a fragilidade que o grupo familiar de Eno tem em abordar situações ocorridas em seu cotidiano. Aqui, percebe-se o que trata a segunda categoria observada nos procedimentos metodológicos deste trabalho, ou seja, verifica-se a maneira como a família (re)age frente ao preconceito vivido fora de casa. Destaca-se que esse fato está presente também na vida real, as maneiras que as famílias discutem o preconceito, o racismo e a discriminação em seu meio familiar, algumas vezes, são superficiais ou, até mesmo, não acontecem. Consequentemente, isso faz com que as crianças e os adolescentes se mantenham em silêncio e não demonstrem o que sofrem fora do contexto familiar.

Em razão da falta de conversa entre Eno e seus genitores, o menino é levado, então, a questionar sua origem. Apesar de sua pouca idade, ele percebe preconceito na atitude da professora, o que mostra o despreparo que a docente possui em se trabalhar com alunos de raças distintas. Concernente a isso, Frantz (2011) ressalta que o professor precisa se munir de ações efetivas e emancipar a si próprio, para ter condições de propor práticas pedagógicas igualmente emancipatória aos alunos. Dessa maneira, o docente trabalha de forma imparcial e antidiscriminatória, privilegiando a diversidade étnico e racial dos seus educandos.

Sendo assim, pode-se notar, nesse trecho da obra, a terceira categoria identificada na seção anterior, ou seja, veem-se os efeitos em uma criança que sofre preconceito. Prosseguindo com a narrativa, ainda muito triste por conta do fato ocorrido em sala de aula, Eno “foi direto procurar no dicionário o significado da palavra preto. Lá não viu muita coisa boa, achou de novo tudo muito esquisito. Voltou para casa triste demais. Queria melhorar, mas não conseguia” (SANTANA, 2008, p. 18). Para Eno, a consulta feita ao dicionário o deixou ainda mais confuso, pois a definição de preto não foi muito agradável, o preto pode ser visto como algo ruim, sujo e sombrio, o que fez aumentar ainda mais a sua tristeza. Entretanto, Eno queria ficar bem, mas não conseguia, continuava triste e apreensivo, porque o dia em que seu avô os visitaria estava próximo.

Assim, podendo ser observado por que “é interessante notar que a criança, depois de ter passado por tal situação, ao chegar em casa, não conta para a sua mãe o ocorrido” (CAVALLEIRO, 2012, p.115), guardando para si situações que vivenciam em outros ambientes que poderão prejudicá-los em sua vida adulta. Por isso, é importante que a criança consiga identificar, em um familiar, alguém em que possa confiar e contar suas aflições. É o que se pode notar quando o menino Eno regressa para casa e encontra seu avô à sua espera.

Ao ver o neto, preocupou-se ao percebê-lo com tanta tristeza, indagando-o “que banzo é esse, menino? Eno já sabia que banzo era tristeza de preto, vinha do tempo da escravidão, a saudade da terra, o medo da solidão dos outros mares” (SANTANA, 2008, p. 20). Aquele menino, não suportava mais tanta tristeza e rompe o silêncio contando ao avô o motivo de tanta angústia. Nesse trecho do texto de Santana (2008), identifica-se a quarta categoria percebida durante os procedimentos metodológicos deste estudo, ou melhor, nota-se os símbolos que representam a cultura afro-brasileira, a exemplo do termo “banzo”.

Retomando à narrativa, o avô de Eno ouve com paciência e savoria tudo o que estava afligindo o garoto. Depois disso, pensou e começou a explicar ao neto todo o seu conhecimento de um guardião das histórias e memórias do povo negro. Explicou a origem africana e sua contribuição na cultura e arte, na música, na alimentação e em todo processo de construção histórica desse povo. Explicou as dificuldades enfrentadas e que ainda há de enfrentar pelo fato de muitos não conhecerem a cultura e representatividade do povo negro. Nas palavras do avô, Eno encontrou acolhimento, amor, empatia, conhecimento e reconhecimento de sua origem, que o encheu de coragem e orgulho com os ensinamentos na fala de seu avô e, ao retornar à escola e entregar o desenho de sua mãe, disse: “Professora, meu desenho de mãe, não pintei de amarelo, pintei de preto em negro como é minha mãe, como a jabuticaba, o ébano, a beleza da noite escura. Pintei da cor de mim mesmo” (SANTANA, 2008, p. 23). Eno mostra que é preciso se reconhecer e se respeitar.

Conforme Cavaleiro (2012, p. 121) “a escola oferece aos alunos, brancos e negros, oportunidades diferentes para se sentirem aceitos, respeitados e positivamente participantes da sociedade brasileira”. Nesse sentido, a autora aborda a questão do preconceito racial, marcado pela diferença na cor da pele, sendo necessário que a instituição escolar reveja, ou seja, crie novas propostas a ser empregadas dentro do cotidiano escolar, para que sejam fortalecidos e trabalhados, entre outros elementos, a valorização, a diversidade, a representatividade, a autoestima e o combate ao racismo.

Uma proposta pedagógica que tematize sobre esses aspectos pode ser uma ferramenta inicial para a instituição escolar desenvolver o (re)conhecimento individual dos alunos, haja vista que o ambiente escolar ainda precisa se munir de ferramentas que contribuam de forma construtiva no combate ao racismo e preconceito dentro de seus ambientes. Além disso, é necessário investir na capacitação dos professores para que eles saibam

lidar com as temáticas diversas apresentadas no contexto escolar, uma vez que se percebe, ainda, a existência de docentes despreparados para lidar com o preconceito e a discriminação apresentados dentro de sala de aula.

Ao realizar isso, tanto a escola quanto os docentes promovem a valorização das diferenças raciais, evitando, conseqüentemente, que as crianças negras sejam afetadas psicologicamente e fisicamente, o que pode trazer conseqüências irreparáveis para a vida desses sujeitos humanos. Frisa-se, portanto, que a escola precisa ser a mediadora entre a família e a sociedade. Ela deve mostrar a importância de se conhecer o Brasil como um país miscigenado, de muitas cores, culturas, muitos saberes e sabores. Dito isso, apresenta-se, na seção a seguir, uma proposta de intervenção pedagógica, criada a partir do livro infanto-juvenil “Minha mãe é negra sim”.

5. Proposta de intervenção pedagógica

Com base nos fundamentos da BNCC, da Lei nº 10.639/03, que institui o ensino da cultura africana e afro-brasileira em sala de aula, será apresentado, a seguir, o Quadro 1, no qual se descreve uma proposta de intervenção pedagógica, visando à reflexão sobre a importância do combate ao racismo, do respeito e da valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Quadro 1: Plano de atividade de intervenção.

Tema: Literatura afro-brasileira.
Título: A importância de se trabalhar o livro infantil de literatura afro-brasileira dentro de sala de aula.
Área do conhecimento: Letras, Literatura e Artes
Objetivos: Geral: Perceber a importância da leitura de livros infantis de literatura afro-brasileira por fruição, sem sofrer imposições, tendo essa contribuição de forma significativa na sua formação enquanto sujeito. Objetivos Específicos: <ul style="list-style-type: none">• Inserir a leitura no cotidiano de maneira prazerosa e significativa;• Contribuir para o desenvolvimento oral e a capacidade de concentração como ouvinte;• Estimular a criatividade, imaginação e a curiosidade;• Discutir o racismo, a história, a cultura e a diversidade, utilizando a obra <i>Minha mãe é negra sim!</i>;• Compartilhar histórias que já tenham sofrido ou presenciado sobre o racismo;• Exercitar a oralidade, a leitura e a escrita;• Valorizar a cultura africana e afro-brasileira;

<ul style="list-style-type: none">• Ampliar a cultura do respeito ao outro;• Expandir o vocabulário.
<p>Justificativa: A ideia centralizadora é contribuir para a formação do senso crítico do aluno, de modo que possa desenvolver a argumentação, a organização e a defesa de um ponto de vista, podendo vir a formular suas próprias ideias a partir das possibilidades dos conhecimentos anteriores, do posicionamento crítico e, assim, transformar sua forma de aprender, criando suas práticas a partir dos sujeitos reais, sendo o negro identificado, neste contexto, como protagonista da história.</p>
<p>Tempo destinado: 4encontros com duração de 2h cada.</p>
<p>Metodologia: o método de desenvolvimento será distribuído em etapas. Etapas do Desenvolvimento:</p> <p>1º Encontro</p> <ul style="list-style-type: none">• Apresentar¹ aos alunos o livro e a temática que será utilizada na atividade do dia;• Colocá-los em círculo para realização da roda de leitura;• Em seguida, farão uma leitura compartilhada, em que cada um lê um fragmento, sob a observação da professora e no final a professora pedirá que comentem o que entenderam sobre a história;• Como atividade, o aluno irá produzir um texto conforme a sua compreensão. <p>2º Encontro</p> <ul style="list-style-type: none">• Será trabalhado o texto produzido no encontro anterior, que será discutido em sala com perguntas, sobre as personagens da história, o ambiente e as características dos principais personagens;• Será discutido, ainda, se, dentro da história, identificaram alguma particularidade ou traço de um familiar, um parente próximo ou algum tipo de comida que tenham comido.• Como atividade do encontro para a próxima, os alunos deverão entrevistar os pais sobre a origem de sua família. <p>3º Encontro</p> <ul style="list-style-type: none">• Socializar dentro de sala se identificaram alguma semelhança entre a história que lhes foi apresentada e a origem de sua família;• Destacar os pontos positivos desta descoberta e o que mais lhes chamou atenção. <p>4º Encontro</p> <ul style="list-style-type: none">• Explicar aos alunos a importância da atividade proposta, deixar claro que é necessário trabalhar a literatura afro-brasileira na sala de para que desde cedo eles possam entender suas origens e orgulhar-se dela;• Recolher o material produzido pelos alunos e realizar uma exposição no mural da escola, apresentando a importância de se trabalhar o livro de literatura afro-brasileira em sala de aula;• Observar se o aluno percebe o que acontece em cada história como ele identifica os espaços, os personagens, se a oralidade teve mudança significativa.
<p>Resultados esperados:</p>

¹ Na apresentação do livro, é importante que se explore a capa e o título, aguçando a curiosidade dos alunos, levantando hipóteses sobre o que eles acham que se trata a história.

- Ao final da intervenção pedagógica, espera-se que os alunos possam saber refletir sobre a importância do combate ao racismo, do respeito e da valorização da cultura africana e afro-brasileira;
- Estimular a conscientização e a reflexão sobre a importância do povo e da cultura africana na formação social, cultural e histórica do Brasil;
- A cultura ampliada do respeito ao outro;
- A importância do conhecimento no desenvolvimento do senso crítico.

Avaliação: Como proposta de atividade avaliativa, os alunos produzirão um texto a partir de suas próprias percepções com base no que lhes fora apresentado. Posteriormente, será verificado se os alunos conseguem se reconhecer ou se identificam com os personagens da história. Por fim, o professor deverá juntá-los em uma roda de conversa para debaterem e sistematizar o entendimento quanto ao que foi lido, conversado e compartilhado dentro de sala.

Fonte: Elaboração própria (2022).

Nessa proposta de atividade, espera-se que se trabalhe com a obra infantojuvenil “Minha mãe é negra sim”, considerando que esse livro aborda temáticas que perpassam desde a simplicidade que mostra a importância da valorização da ancestralidade à apreciação de quem somos e de onde viemos.

Com isso, a narrativa notabiliza a diversidade e a riqueza que constituem a cultura negra, fazendo com que tanto crianças negras quanto não negras saibam identificar e enaltecer o espaço do outro como ser detentores de direito e respeito. É interessante mencionar que, além dessa obra de Santana, há diversos livros que podem ser utilizados para se trabalhar dentro de sala de aula, entre os quais, citam-se “O pequeno príncipe preto” (2020), “Amoras” (2018) e “O cabelo de Cora” (2013). Posto isso, apresentam-se, na seção a seguir, as considerações finais deste estudo.

6. Considerações finais

Por intermédio do significativo aumento de produções literárias infanto-juvenis de expressões africanas e afro-brasileiras no país, ocorre uma promoção da diversidade cultural e racial negra do Brasil. Com uma população miscigenada, que abrange europeus, africanos, asiáticos, orientais e nativos, a nação brasileira se torna um grande berço de cultura heterogênea. Graças a isso, trabalhar as temáticas raciais dentro de sala se torna essencial, na medida em que as diferenças culturais e etnias também estão presentes dentro de sala de aula.

Sendo assim, este trabalho se propôs a apresentar um estudo do livro “Minha mãe é negra sim”, no intuito de possibilitar a utilização dessa obra de literatura infantil em uma proposta pedagógica. Logo, isso

viabiliza o fortalecimento da autonomia de crianças negras na busca do (re)conhecimento de sua construção identitária e promove, também, a transformação dos pensamentos delas sobre a realidade social constituída aos negros.

Outrossim, para que haja o reconhecimento identitário do educando através da literatura afro-brasileira a partir dessa obra de Santana, o docente, em especial o de Língua Portuguesa, pode utilizar o livro de maneiras diversas, como, por exemplo: sequências didáticas, oficinas, palestras, teatros, rodas de conversa e leitura, pesquisa de campo e produção textual. Além disso, o emprego desse texto infantil poderá ser abordado de maneira interdisciplinar, porquanto a temática de reconhecimento identitária abrange disciplinas tais como Sociologia, Filosofia, Artes e História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYÓ, Elly et al. Por uma escola afirmativa: construindo comunidades antirracistas. *Projeto por uma educação antirracista*. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/PRO-JETO_PorUmaEducacaoAntirracista.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

BRASIL. *Base nacional comum curricular: educação é a base*. Disponível em: [BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf](https://www.bne.gov.br/images/stories/documentos/2020/bncc/bncc_ei_ef_110518_versaofinal_site.pdf) (mec.gov.br). Acesso em 9 mar. 2022.

BRASIL. *Constituição da república federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: [Constituição](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui.htm) (planalto.gov.br). Acesso em: 12 maio 2022.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Disponível em: [L10639](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/le10639.htm) (planalto.gov.br). Acesso em: 12 maio 2022.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Disponível em: [L11645](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2008/le11645.htm) (planalto.gov.br). Acesso em: 13 maio 2022.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: [L9394](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1996/le9394.htm) (planalto.gov.br). Acesso em: 9 maio de 2022.

CAMARA, Ana Zanca. *O Cabelo de Cora*. Rio de Janeiro: Palas, 2013.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. 6. ed. São

Paulo: Contexto, 2010.

CAGNETI, Sueli; SILVA, Cleber. *Literatura infantil juvenil: diálogos Brasil-África*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, E. de Assis. *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*. (Org). 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. p. 16-45

EMICIDA. *Amoras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FRANÇA, Rodrigo. *O Pequeno Príncipe Preto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. *O ensino da literatura nas séries iniciais*. 3 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

SANTANA, Patrícia. *Minha mãe é negra sim*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.